

JORGE FÃO EM ENTREVISTA AO JTM

Lei Sindical só "passa" na AL se for "obra do Governo"



ESTRELA

Ho Iat Seng deverá ser o próximo Chefe do Executivo e terá como principal desafio a economia do território, tendo em conta a evolução da própria situação da China, acredita Jorge Fão. Em entrevista à TRIBUNA DE MACAU, o presidente da Assembleia Geral da APOMAC faz um balanço positivo dos 20 anos da RAEM apesar de deixar alguns reparos no que diz respeito à falta de uma Lei Sindical e do salário mínimo universal, cuja discussão acredita que continuará a ser adiada. Na qualidade de antigo deputado deixou também duras críticas à Assembleia Legislativa, ao considerar que "é tudo fogo-de-artifício"

A RAEM vai completar 20 anos. A evolução tem sido a que se esperava em 1999?

-Não esperava nem contava que fosse assim. Muito antes do "handover" comprei umas propriedades em Portugal. Nunca estudei em Portugal, mas gostava de lá passar as minhas férias. Era um bocado rebelde e fui a Portugal por causa do 25 de Abril, um ano depois, logo em 1975, porque gostava de ver o que se estava a passar e fiquei lá quase seis meses. Depois, periodicamente ia a Portugal. Quando se falou da transferência de soberania, fiquei bastante receoso por aquilo que se passou em Hong Kong. Todos tínhamos muito receio do regime comunista porque os nossos avós e todas essas pessoas falavam muito mal do regime. Por conseguinte, muitos de nós que trabalhávamos na função pública, e não só, comprámos casas em Portugal. No dia da entrega de Macau à China, saí uns dias de cá. Não quis ver. Assisti à entrega de Hong Kong através da televisão, fiquei muito triste, e vi as pessoas muito tristes, e disse que não ia assistir a isso. Não sei se conseguiria, porque também sou uma pessoa muito emotiva. Fiquei em Phuket, não liguei a televisão, nem quis saber do que se estava a passar em Macau. Voltei, a bandeira mudou. Os dias foram passando e Macau praticamente não mudou nada. Mudou a bandeira, mas tudo o resto era quase semelhante do passado. Depois com a abertura do jogo, quando se acabou com o monopólio, nunca esperei esse "boom" económico e turístico. Foi uma surpresa pela positiva. Gosto de Macau. Gosto da forma como está a ser governado, da vida, do sucesso económico. Claro que este sucesso também traz alguns

dissabores: um aperto, é muita gente em todo o lado, as coisas ficaram mais caras. É o preço que estamos a pagar pelo sucesso mas, grosso modo, Macau está bom e foi surpreendente para todos.

Não havendo contratempos, Ho Iat Seng deve ganhar a corrida [a Chefe do Executivo]. Fez um bom percurso político na China, foi delegado da Assembleia Nacional Popular durante muitos anos, tem negócios no Interior da China, é presidente da Assembleia, conhece os meandros da política da China e de Macau

-Há alguma área que devesse ter sido desenvolvida de outra forma ou merecido mais atenção?

-A nível económico é imbatível. Poucos territórios ou países no mundo conseguem puxar o Produto Interno Bruto aos níveis

que temos hoje e neste curto espaço de tempo. Claro que isso tem a ver com o sucesso económico verificado na China Continental. Estamos com esta fortuna toda, com este tipo de rendimento 'per capita', evidentemente que o Governo podia ter feito mais. As pessoas nunca estão satisfeitas. Podíamos ter feito um pouco mais, mas, grosso modo, Macau está bem. A saúde podia ser melhorada, podíamos ter melhores e mais profissionais, há falta de meios humanos em quase todas as áreas. Nos hotéis, os investidores estão a queixar-se porque o Governo não se abre para o recrutamento de pessoas do exterior. Nesse aspecto, podemos ser mais generosos.

-Certas profissões, como os "croupiers" ou motoristas, apenas podem ser exercidas por residentes. Macau beneficiaria da abertura ao recrutamento de trabalhadores não-residentes para essas funções?

-Percebo porque é que certas associações defendem a filosofia de que certas funções deviam ser reservadas para residentes mas não concordo. Devemos abrir quase todas as profissões. Não se deve reservar esta ou outra profissão só para os locais. Por exemplo, em Singapura, na Malásia ou no Dubai, ninguém reserva nada para ninguém. Podemos é estipular uma certa percentagem. Ou seja, se uma empresa tiver 1.000 trabalhadores, devemos ter uma quota para os locais, mas o resto pode ser importado. Porque é que a profissão de "croupier" é só para os locais? Todas as pessoas, desde que sejam bons "croupiers", deviam poder sê-lo, assim como os motoristas. O facto de não se permitir a entrada de estrangeiros